

AFRO



O lixo vai falar.e numa boa.



AFRONTA!

e-Zine

Contribuições,
vivências &
experiências
negras no Brasil

EDITORIAL

Por Ana Carolina Januário Mendes

Hotep*, leitor !

Historicamente, as contribuições negras foram sistematicamente invisibilizadas, desacreditadas, subalternizadas e ridicularizadas no Brasil. Mas nos negamos a aceitar a condescendência racista que insiste na desumanização dos corpos e produções negras. Da estética, passando pela arte e indo até a tecnologia, é nosso lugar de fala também.

Sob essa ótica, cultivamos esta revista, que tem como principal função explorar a potencialidade que reside na radicalidade existencial negra sob a égide de um sistema notoriamente racista que oprime epistemologias não-hegemônicas. Desde a escolha do título da E-zine, cravamos e reiteramos que nossa ação é de afronta a todas as concepções que foram usadas como ferramenta de supressão do livre pensar da população afro-brasileira.

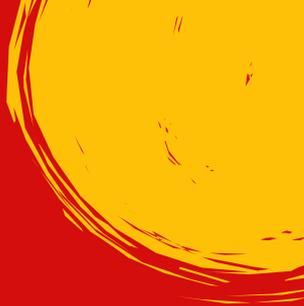
Ainda nesta construção teórica, escolhemos como cores principais para o projeto vermelho, preto e verde, que são as mesmas cores presentes na bandeira pan-africana, movimento político que orienta, junto a afrocentricidade proposta por Molefi Kete Asante, os escritos aqui presentes. Além disso, invertemos o mapa da América do Sul, inspirados pela arte disruptiva de Joaquín Torres García, e centralizamos África, concordando com a categoria de Amefricanidade da antropóloga e filósofa Lélia González.

Por fim, ainda estamos em consonância com Lélia, no artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, onde a intelectual afirma que “Neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”.

*Hotep é uma expressão do Egito antigo, utilizada para se referir a paz e satisfação. É também utilizada como saudação.



Sumário



EDITORIAL

- Estética	4
• Galeria	
- Música	6
- Literatura	8
• Entrevista	
- Tecnologia	11
- Referências	
Bibliográficas	12



Politize seu afro !



Por Ana Carolina Januário Mendes

Cabelo, em cabeça de preto, não é só cabelo.

O cabelo negro reside em uma radicalidade impar que se ancora no confronto ao padrão hegemônico que estabelece uma dicotomia entre a beleza, que sempre é representada por atributos estabelecidos por corpos brancos, e o horror do "desleixo", que é estereotipado sob pessoas pretas.

Nessa perspectiva, tudo que envolve a estética negra, desde moda a maquiagem, é importante para a afirmação negra no mundo. Mas o cabelo ocupa uma esfera única nesse cenário, porque é essencialmente político.

E isso é um fato comprovado na materialidade quando percebe-se que, quando uma pessoa negra passa por um processo de distanciamento da branquitude e reconhecimento de sua identidade afrorreferenciada, sua autoimagem é positivada e seu cabelo externaliza este processo de revolução interna através da aceitação dos fios crespos.

Conseqüentemente, a cabeça torna-se uma tela em branco pronta para acolher a criatividade ancestral que criou tranças, texturizações, dreads, twists e outros penteados de proteção capilar, como são chamados.

Reconhecer a potência da estética negra é fazer resistência frente a tentativa de homogeneização do cabelos; combater a retórica texturista, que é calcada na ideia de que fios mais cacheados são mais aceitos que crespos; se orgulhar de sua história e fazer um ato político que é capaz de inspirar outras pessoas.



Galeria afro: Estilos de cabelos afros



Barrel Twist

Afro puff



Locks



Mudread



Box braids



Box Braids
Pop smoke



Twist



Trança Magô



Cacheado



Boxeadora



Afro Puff duplo



Cacheado



Locks



Black
Power



Trança Magô





A PRODUÇÃO ARTÍSTICA NEGRA

O que são batalhas de rima

"Eles vê roda cultural/acha que é
ganque/vê os preto se juntar/ acha
que é ganque/eu canto pra não
escorrer/sangue!"

(Grito de guerra, batalha da aldeia)

"No cerne do vocábulo "batalha", encontra-se a ideia de empreender esforços para vencer adversidades, resolver problemas, criar saídas. A noção de batalha cria um campo semântico no qual figuravam as acepções de colisão, conflito, peleja, contenda, duelo, encontro, ataques, vitória, morte e vida. As imagens que podem ser construídas a partir daí permitem a associação do conceito às táticas militares e remetem a cenas em que os oponentes belicosamente se enfrentam em disputa por algo ou algum bem, material ou simbólico" (SOUZA, 2011, p. 130)

As batalhas de rima não são apenas uma expressão artística, mas também um mecanismo político de ocupação de espaços por indivíduos historicamente marginalizados. Surgem primeiramente como meio de ocupação das mentes e tempo dos jovens, para que não fiquem "à toa na rua" e se envolvam com coisa errada, buscando entreter a juventude negra de modo a os afastar da violência e do crime.

"Minhas rimas não são piadas/mas elas te oprimem/entretimento foi o rap que fez/ pra tirar os menor do crime/não sabe vai estudar/Bronx73/ rima gangsters e piadas/assim o hip Hop se fez/Quando você estudar/aí eu te levo a sério."

(Mc Noventa, Batalha da Aldeia, 2017)

Se antes as batalhas eram exclusivamente realizadas em locais periféricos das cidades, agora, com sua grande popularização, grupos que produzem e organizam as batalhas buscam cada vez mais a ocupação de locais em áreas centrais, como é o caso da Batalha da Aldeia (BDA), a atual maior batalha de rimas do Brasil, que ocupa a praça dos estudantes, localizada no centro da cidade de São Paulo.

Por Júllia Santos Albuquerque

Isto é uma forma muito interessante de levar esses adolescentes e jovens a ocuparem o que há muito lhes foi negado; as áreas centrais .

Como surgiram no Brasil

"80 tiro é o que separa um militar de
um militante

/ a favela chora o que?/ Sangue!"

(Grito de guerra, batalha do Ana rosa)

É comum haver poucas informações sobre elementos culturais menos visualizados em um país, sobretudo em se tratando de culturas negras e marginalizadas.

"Em vista disso, são escassas pesquisas e fontes bibliográficas acadêmicas acerca das

Batalhas de Rima dentro e fora do Brasil, havendo, assim, poucas narrativas que

explicam o surgimento dessa cultura historicamente intrínseca ao Hip-Hop. Vale salientar que o Hip-Hop é um movimento que comunga diversas manifestações culturais de viés racial, político, social, dentre outros, não sendo o lugar de surgimento de cada uma dessas culturas, mas de reunião delas, ainda que pertencentes e provenientes de uma população racialmente marcada." (MESSIAS, 2015).

Apesar de não existirem pesquisas precisas sobre o surgimento das batalhas de rimas no Brasil é possível encontrar vestígios de sua existência já por volta dos anos 2000. Sendo uma vertente pertencente ao RAP (ritmo e poesia), um gênero musical presente no estilo hip-hop, as batalhas de rima são uma continuação do RAP de mensagem. Ao serem trazidas para o Brasil, as batalhas se difundiram nas periferias e favelas, tendo seu público alvo, na grande maioria, jovens negros e pobres.



Como As Batalhas Funcionam

"Preta, pobre, poeta e periférico, estamos vivos
(...)
/Preta sim/ com muito amor/ quem tô na vez é
nois
/ pisa fofo/ ai/ seu doutor/ (...) atura ou
surta
/pois nois seguimos vivos!"
(BEKA, Slaw da Guilhermina, 2018)

As batalhas acontecem em locais como praças e vielas em áreas periféricas das cidades, onde grupos de jovens se reúnem para batalhar entre si.

Os MC (Mestres de cerimônia)- são os responsáveis por elaborar rimas improvisadas, geralmente de 1 minuto e 45 segundos, atacando e se defendendo de seu adversário, outro MC.

Os DJs - são responsáveis pelos beats (sons e batidas) que conduzem os MC 's a construir os seus versos.

Os mediadores- são responsáveis por evocar os gritos de guerra (jargões utilizados para começar e prosseguir as batalhas antes de cada round), animam as apresentações como também opinam sobre os melhores rimadores, e qual entre eles merece vencer a partida da noite.

Dentro dos confrontos existem diferentes estilos de rimas como:

Rimas de gastação- seria este o gênero mais clássico e intrínseco às gêneses das batalhas de rima, aqui o foco é "gastar" seu adversário, utilizando de zuação e zombaria, sendo aqui o foco maior em arrancar risadas da plateia.

Rimas de Pederastia- aqui o foco são rimas em contextos mais sensuais ou sexuais, buscando desconcertar seu adversário com objetivo de entreter a plateia.

Rimas de ideologia- atualmente as rimas mais populares, e as que mais nos concentramos nesta explicação, o foco desta se mantém em atacar não o adversário, mas as estruturas da sociedade brasileira, aqui as rimas são criadas de maneira a conduzir seu adversário e a plateia a refletir e se revoltar com temas específicos.

Resistir e Ocupar

Mas eu sou traficante também/netn/representante
de Coelho Neto/a minha endola é a leitura
/e meu fuzil/ é o papo reto"
(Wj, Slaw gritos e filmes, 2018)

As batalhas de rima no Brasil tiveram propósitos cada vez mais ambiciosos com o tempo. Embora importante, pouco é reconhecido o trabalho de base que as batalhas realizam na vida de muitos jovens, visto que o rap como toda contribuição negra tende a ser inferiorizado, banalizado e classificado como uma espécie de subcultura, sua contribuição é apagada.

Ademais, conforme o rap se internalizou no país seus propósitos e objetivos se adequaram às necessidades urgentes de seu público alvo. Assim sendo, passaram a abraçar estes jovens de diversas maneiras, no aspecto emocional com o surgimento da sensação de pertencimento e família (onde a rua integra um indivíduo a seu núcleo de familiares, que não se relacionam pelo sangue, mas pelo amor a cultura negra e união entre os favelados e periféricos, que vem dos mesmos lugares, a famosa família de rua.), no aspecto financeiro, uma vez que com a popularização das batalhas, ser um mc deixa de ser apenas um hobby e passa a ser uma profissão remunerada, permitindo a abertura de novas janelas de oportunidades. Além disso, a contribuição para a autoestima intelectual e racial são pontos essenciais trabalhados neste espaço, uma vez que estimula os jovens a estudarem, já que produzir rima exige estudo de métrica, contagem de versos, ter bagagem de referências intelectuais, criatividade e pensamento rápido, entretanto, esse estímulo não se dá apenas no núcleo de jovens que desejam ser poetas ou mcs, mas também chega aos ouvintes, que por admirarem um mc, possuem igual conhecimento.

Então, com isso concluímos que as batalhas de rima funcionam como um espaço de expressão e evocação de resistência, que contribuem portanto para o domínio das emoções, que seria uma espécie de estratégia de sobrevivência para os jovens negros e periféricos, espaço de resgate da autoestima física e intelectual. Além de que esta produção de movimento artístico contribuiu para a produção de arte, colocando a poesia nas ruas."São os movimentos artísticos que primeiramente constroem subjetivamente essas noções de identidade, antes mesmos dos movimentos políticos se organizarem e estudarem acerca de suas complexidades"
(Gilroy, 2001 pág. 6)

Ler é coisa de negro !

Por Ana Carolina Januário Mendes

Em oposição ao que é amplamente divulgado pela historiografia hegemônica, o africano não era somente oralizado, ou seja, cultivava a linguagem falada como forma única de comunicação e preservação cultural. Essa narrativa é ancorada em duas frentes principais : Na percepção colonizadora de que África não é um produtor de cultura e no descrédito em signos de linguagem que operam sob uma diferente égide linguística.

A escrita era presente em diversas regiões do continente; desde de hieróglifos no Egito; as adinkras de Gana até o árabe, já consolidado na cultura haussá por conta das invasões árabes no VII.

Dessa maneira, com o início do tráfico transatlântico de pessoas e o estabelecimento do regime escravista no Brasil, e apesar da perversidade dos processos de desumanização ao qual foram submetidos, pessoas negras desenvolveram tecnologias ancestrais de resistência. E um dos caminhos primários usados como reumanização da ontologia africana foi através da arte.

E é sob essa perspectiva que é possível analisar, primariamente, a literatura produzida por pessoas negras no país.

Previamente, é necessário que se faça a distinção entre literatura negra e literatura afro-brasileira, porque apesar da similaridade nominativa, são movimentos literários distintos. Enquanto a literatura negra é pautada na subjetividade individual que traceja as vivências experienciada por autores negros , em suas pluralidades identitárias, a literatura afro-brasileira apresenta uma escrita que explora a cultura, espiritualidade, musicalidade e filosofias afro-brasileiras, não sendo necessariamente da autoria de escritores negros.

Nesse sentido, denota-se que a literatura já está imbricada na realidade da afro-diáspora nacional, e que sua preservação, fomentação e continuação é de extrema importância para o armazenamento teórico dos registros de memórias, práticas, costumes, historiografias e realidades que sofreram séculos de opressão, marginalização e invisibilização. Literatura feita pela população negra é instrumento de luta, mas também de alegria, prazer e esperança, porque não é somente pela dor que se faz a existência preta.

Afinal, parafraseando Conceição Evaristo, no conto “A gente combinamos de não morrer”, presente no livro “Olhos D’Água” : eles combinaram de nos matar, a gente combinou de não morrer. E a vida perdura nas linhas fixas dos livros.

Papo Reto

Por Ana Carolina Januário Mendes

Entrevista com Ayodele Floriano Silva, doutoranda em Educação pelo PPGE da UFSCAR. Mestre em Educação (2022) e graduação em Pedagogia (2018) pela UFSCar. Faz parte do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros - NEAB/UFSCAR e participa dos seguintes grupos de pesquisa: Educação Infantil e Pequena infância em Contexto - EDIPIIC/UFSCAR e Educação e Relações Étnico-Raciais, da Universidade Federal de São Carlos



Ayodele Floriano Silva

Entrevistadora : Para você, o que é literatura negra?

Ayodele : Pra mim, existem dois tipos de literatura negra sendo feita no Brasil. A literatura afro brasileira, que focaliza na cultura dos negros brasileiros; e a literatura negra brasileira, que está alocada em um lugar mais subjetivo da constituição da negritude

Entrevistadora : Qual a importância de entrar em contato com literaturas não hegemônicas?

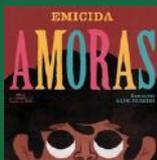
Ayodele : O acesso a literaturas não hegemônicas é muito importante, e não só na infância. Consumir literatura negra é muito importante porque centraliza pessoas negras em um lugar positivo, que rompe com estereótipos racistas e apresenta diferentes perspectivas de existência, com protagonistas negras que inspiram.

Entrevistadora : Qual é o cenário atual em que a literatura negra se encontra?

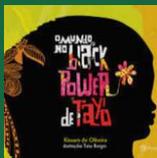
Ayodele : Bom, hoje em dia, quando vamos às livrarias ou acessamos lojas virtuais, vimos obras literárias negras em destaque, o que é muito bom e mostra que avançamos muito. Porém, ainda temos um longo caminho pela frente porque, mesmo com a ascensão dessa literatura, poucas editoras tradicionais tem interesse nesse mercado.

Então é uma situação que deve ser analisada de maneira minuciosa.

RECOMENDAÇÕES LITERÁRIAS DA ENTREVISTADA



"Amoras" -
Emicida



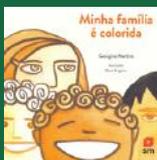
"O mundo no Black Power de Tayó" -Kiusam de Oliveira



"Julián é uma sereia" Jessica Love



"O cabelo de Cora" -
Ana Zarco Câmara



"Minha família é colorida" - Georgina Martins

O VIÉS RACIAL DE TECNOLOGIAS DE RECONHECIMENTO FACIAL

Ciência e tecnologia são áreas das quais se espera assertividade e apreço por fatos concretos e, dessa forma quase sempre são vistas como entes que ocupam papel neutro em determinadas discussões socioculturais de cunho estrutural. Porém, dadas as proporções do impacto que causam, a nível global, é preciso um reflexão mais crítica acerca de seu papel em se tratando principalmente da reprodução de traços alicerçadores da conjuntura em que se inserem. Além desse aspecto sociológico, a tecnologia -- principalmente quando as ferramentas principais de seu funcionamento são dados e informação -- carrega consigo aspectos do perfil pessoal de seu criador e/ou desenvolvedores, fazendo com que a solução em questão tenha características que soam quase como uma personalidade.

Uma das frentes de estudo que busca analisar as influências estruturais e pessoais é a caracterização do racismo algorítmico. Termo elaborado pelo pesquisador Tarcisio Silva, se trata "dos modos pelas quais as práticas de discriminação étnicoraciais-estruturais, econômicas, políticas e afetivas. São impulsionadas por tecnologias digitais e de automação criadas em uma ideologia supremacista branca no Ocidente, tornando ainda mais difícil sua identificação."

Assim, buscando exemplos de como o racismo algorítmico atua, pode-se discutir sua operação em relação ao reconhecimento facial (RF). As técnicas computacionais de reconhecimento facial consistem basicamente em medir o grau de similaridade entre imagens faciais com o intuito de identificar um indivíduo e/ou verificar sua identidade. Esse processo geralmente utiliza de um banco de dados com diversas imagens faciais onde, a

identidade associada à imagem sendo testada, chamada de prova, é aquela que alcança o maior grau de similaridade ao ser comparada.

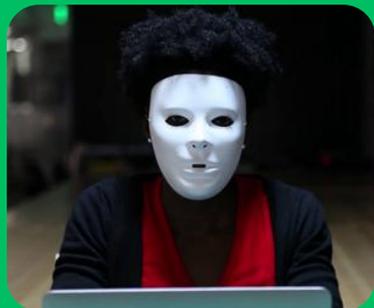
Os problemas começam quando, fatores estruturais e pessoais destes softwares de RF passam a direcionar sua atuação e seus resultados. Em 2019, Robert Williams foi preso pela polícia de Detroit, no Michigan, sob acusação de furto à uma loja. Para efetuar a prisão e encontrar o suspeito foi utilizada a tecnologia de RF que utilizou uma imagem das câmeras de segurança do local.

O sistema apontou Williams como o culpado e foi expedido mandato de prisão, o que causou sua detenção por mais de 30 horas. Porém, Robert não cometeu o crime e, posteriormente, após averiguada sua inocência, entrou com um processo contra a polícia de Detroit para que tivesse o caso removido de seus antecedentes. Robert Williams é descrito como a primeira pessoa a ser presa indevidamente com base em tecnologias de RF, porém, não foi a última e apontamentos e estudos posteriores indicam um padrão nos casos de imprecisão para essa técnica.

Com o desenvolvimento crescente de tecnologias deste tipo, no ano de 2018, a pesquisadora Joy Buolamwini, na época estudante de pós graduação na área de computação no MIT, criou o projeto "Aspire Mirror", com o objetivo de rastrear movimentos de rostos por meio de um software de visão computacional.



O QR code direciona para um teaser do estudo de Joy Buolamwini acerca dos vieses das tecnologias de reconhecimento facial.

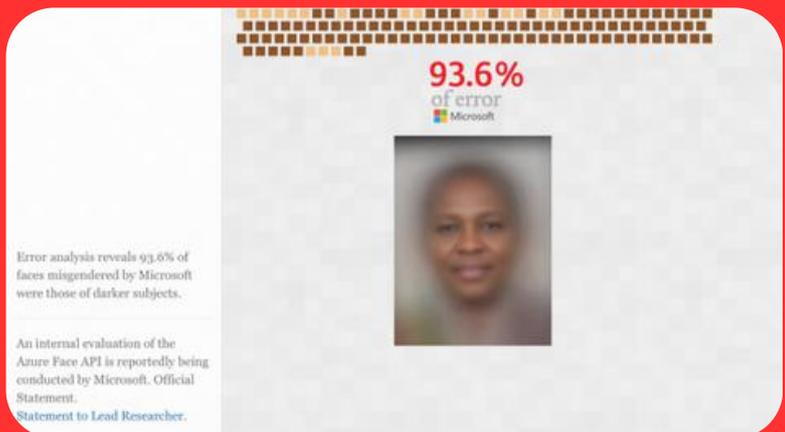




O QR code direciona até a página do GENDER SHADES, estudo realizado acerca do viés racial e de gênero no reconhecimento facial, contendo inclusive a estatística sobre o erro para estes softwares por determinados desenvolvedores

No processo, ao testar seu próprio experimento Joy notou que a identificação não funcionou até que ela puzesse uma máscara branca. A partir disso, Joy se reuniu com outras pesquisadoras para questionar as diversas empresas responsáveis por criar e disseminar os códigos dos softwares estudados por elas. Em trabalhos posteriores, foi constatado ainda um viés de gênero, além do racial, com erro de mais de 93% na identificação de rostos negros, como no caso do software da microsoft.

Fatos como estes colocam em xeque a neutralidade da tecnologia em questões étnicosociais e até de gênero e trazem o questionamento se essas técnicas são de fato a saída para problemas como a segurança pública ou se são mais uma forma de perpetuação do encarceramento em massa.



Referências Bibliográficas

- ASANTE, Molefi K. *Afrocentricity: The theory of social change*. Buffalo, NY: Amulefi, 1980.
- WALD, Elijah. *Talking 'Bout Your Mama: the dozens, snaps, and the deep roots of rap*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- SOUZA, M. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SILVA, D. A.; VIEIRA. Batalhas de Rimas Mediadas pelo YouTube e a Nova Geração do RAP Nacional: a Batalha do Tanque e as Transformações do Gênero Musical. 2018.
- BUOLAWMINI, J. *The Coded Gaze: Unmasking Algorithmic Bias*. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=162VzSzzoPs>. Acesso em: [19/09/2024].
- LUCAS GABRIEL DE MATOS SANTOS. et al. *Reconhecimento Facial: Tecnologia, Racismo e construção de mundos possíveis*.
- SILVA DA HORA, Ana Carolina das Neves. *Ética em IA - Investigando o Racismo Algorítmico no Reconhecimento Facial*. TCC.
- DOS SANTOS, M. do C. P.; VICENTINI, C. R. G. Moda afro-brasileira: o vestir como ação política. *dObra[s]* (revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda), n. 30, p. 15-38, 2020.
- NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra. *Rio de Janeiro*, v. 1, p. 164-226, 2020.
- GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1987.

